

O PREPARO DIDÁTICO DOS PROFESSORES DE ARQUIVOLOGIA

HELOÍSA LIBERALI BELLOTTO*

O objetivo desta apresentação é discutir a necessidade do preparo didático dos professores de arquivologia. Pretende-se aqui abordar o preparo do professor de arquivologia e não o do arquivista como professor, pois essa é uma possibilidade, mas cujo preparo é diferente.

Isto porque, é inegável que o arquivista que atua na área dos arquivos permanentes muitas vezes, no seu desempenho como instrutor das atividades dos setores de ação educativa existentes em muitos arquivos públicos, desenvolve também “aulas”. Cabe-lhe não só apresentar a instituição, sua estrutura e funcionamento, os serviços por ela proporcionados, como também desenvolver ações didáticas relativamente ao conteúdo dos documentos componentes de seus fundos. Serão “aulas” que exigirão conhecimentos específicos, algumas até com componentes lúdicos, mas sem a sistemática dos cursos desenvolvidos na universidade.

Os autores especialistas em didática repetem com frequência que a justificativa para a ausência de formação pedagógica dos professores universitários tem sido a de que, como suas aulas são dirigidas a adultos e não a crianças ou a adolescentes, eles não necessitariam ter o traquejo psicológico e didático exigido aos mestres do ensino básico e do ensino médio. Alega-se que por lidar com adultos, o professor universitário não precisava tanto de formação didática, com a crença de que “o fundamental para o exercício do magistério em nível superior é o domínio adequado dos conteúdos das disciplinas que o professor propõe lecionar, aliado sempre que possível à prática profissional” (OLIVEIRA, 2010 *apud* SILVA, 2011). Conhecimento do conteúdo programático e possuir alguma experiência no dia-a-dia da profissão, é o que se espera basicamente do professor. Mas, todos sabem realmente como fazê-lo de forma eficaz, que leve a resultados produtivos?

A didática, como o estudo das técnicas de ensinar, localiza-se dentro do marco maior da Educação, sendo esta a área do saber que se dedica a transmissão do conhecimento em geral. Seus teóricos desenvolveram e procuram aperfeiçoar sempre a “capacidade física, intelectual e moral do ser humano visando à melhor integração individual e social”. Chamamos Pedagogia, a disciplina que agrega a teoria da Educação e do Ensino, seus princípios e métodos.

“Quando indagados sobre o que esperam da didática, os professores respondem: as técnicas de ensinar. Mesmo porque, de uma forma ou de outra, aprenderam a ensinar com sua experiência e com os modelos de professores dos quais foram alunos” (PIMENTA, 1999).

Estabelece-se, naturalmente, uma polaridade: ensinar (transmitir o conhecimento) e aprender (adquirir o conhecimento), com seus respectivos agentes: educador-professor de um lado e o educando-aluno, de outro. Essa polaridade instrução/aprendizado hoje é antes convergente, para o educando, não mais para o educador, como nos tempos passados. A verdade é que os recursos da didática, hoje, estabelecem diálogo e inteiração.

As perguntas que se fazem os especialistas sobre a formação didática do professor universitário estão corporificadas nessas indagações de Vanius Paiva Zaiden Silva da

* Professora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

Fundação Aprender (SILVA, s.d.): será que essa formação tão necessária ao professor do ensino fundamental e do médio, é supérflua para o professor universitário? Quem sabe fazer, sabe ensinar? Produzir conhecimento é saber ensinar? Argumenta o Autor que “o professor universitário divide-se entre estudo, pesquisa, docência na sua área específica e mais, cabe-lhe ainda: conhecimento e uso de inovações pedagógicas, orientação, gestão acadêmica, comunicação com o mundo do trabalho, relação e intercâmbio com seus pares”. Ademais, há no meio acadêmico, a valorização e a exigência da pesquisa em detrimento da atividade didática.

Como se aprende a ser professor? Ser professor universitário é um processo que se aprende? Como se constrói o conhecimento pedagógico? Há dois caminhos que se completam: 1. recordação/aproveitamento do próprio processo formativo, procurando-se reproduzir o modo de “dar aulas” dos nossos (os melhores, dentre os antigos) professores e 2. assistindo a aulas de didática geral e de didática especial.

Aliando-se as lembranças daquelas “melhores aulas” do próprio passado, ao conhecimento científico teórico proporcionado pelos cursos das didáticas, cujos ensinamentos os levarão a poder montar um bom plano de ensino para cada tema proposto para ser explorado em classe, o professor pode sentir-se preparado. Aí entra a aplicação prática. Entra aí a especificidade do conteúdo, no caso, o respeitante à arquivologia em si, manifesto nas diferentes disciplinas da grade curricular. Nesse momento, não haverá “receitas de bolo”. O candidato a ser professor de arquivologia, mesmo aquele já preparado tecnicamente em aulas de didática, deverá recorrer irremediavelmente aos conhecimentos específicos adquiridos em seu curso de graduação na área.

A primeira providência é a de montar o plano de ensino da disciplina que nos cabe lecionar, levando-se em conta a sua duração temporal e o grau de abrangência e de profundidade que ele vai infundir no seu desenrolar. Isso para que os conteúdos que ele traga à tona não sejam redundantes e nem repetitivos em relação às outras disciplinas que compõem a grade curricular. Do plano constam: 1. Identificação; 2. Objetivos: geral, específicos; 3. Ementa; Conteúdo: tópicos; 4. Aprendizagem: metodologias e materiais; 5. Procedimentos: aula expositiva; 5. Aula prática/exercícios; 6. Seminários; 7. Textos em dinâmica de grupo, etc.; 8. Avaliação: testes, seminários, pesquisas de grupo, pesquisas individuais, etc.; 9. Cronograma; 10. Bibliografia (*apud* RODRIGUES JÚNIOR, 1991)

Em obediência ao plano de ensino de determinada disciplina, ocorrem as aulas, que se dividirão pelas horas-aula previstas como duração que alcance os devidos créditos correspondentes a aquela disciplina. Um plano de aula é uma montagem prévia composta de tema; metodologia; estrutura da exposição: hipótese, introdução, desenvolvimento, conclusão; tempo/duração prevista; técnicas adotadas, se for o caso; bibliografia e referências; texto-base, se for o caso.

Até aqui as considerações a respeito do ensino caberiam também a qualquer disciplina em qualquer curso em qualquer área. Entretanto, nossa preocupação se volta para a arquivologia. É dentro dela que deve se movimentar a nossa preocupação pedagógica nesse momento.

O que é arquivologia/arquivística? É a disciplina que se ocupa da teoria, da metodologia e da prática relativa aos arquivos, sua natureza, seus documentos/informações e suas funções. O que é ensinar arquivologia? É estar diante do universo dos arquivos (e tudo o que isso envolve) conhecê-lo e saber transmitir e fazer compreender sua teoria, sua metodologia e sua prática. Vejamos cada uma dessas etapas:

Teoria é o conjunto de regras ou leis mais ou menos sistematizadas aplicadas a uma área específica. Teoria arquivística é o corpo de saberes que determinam os *princípios* da

área dos arquivos: o da proveniência, o da organicidade, o da unicidade, o da indivisibilidade, aos quais ainda acrescentaríamos o da cumulatividade e o da constância.

Metodologia é o conjunto de procedimentos aplicados regularmente para cumprir determinada ação. Metodologia arquivística é o corpo de saberes baseados na teoria que determinam como tratar arquivos. Os métodos são identificados pelas chamadas funções arquivísticas: identificação, classificação, ordenação, avaliação, descrição, acessibilidade.

Prática é o uso, o exercício e a aplicação de teoria e de metodologia a situações concretas. Prática arquivística é a aplicação dos saberes teóricos e metodológicos ao cumprimento das tarefas documentais do arquivista.

Para ensinar arquivologia será necessário aliar os princípios e técnicas didáticas aos conteúdos próprios da área em seus aspectos teóricos, metodológicos e práticos distribuídos entre as várias disciplinas da grade curricular regularmente prevista.

À guisa de exemplos poderíamos discutir qual a metodologia que poderia ser usada para abordar alguns temas genéricos, simples e básicos da arquivologia.

Assim, diante do tema *Ciclo vital dos documentos/Continuum dos documentos*, poderíamos discutir em sala de aula a forma tradicional de considerarmos os documentos desde sua produção, passando por vigência, uso, avaliação, eliminação e/ou guarda permanente em instituições arquivísticas alheias à sua produção, *versus* as tendências, sobretudo australianas, de usarem o sistema do *continuum*, que consideram, sobretudo relativamente aos documentos digitais, que mesmo a guarda permanente deve ser da órbita da entidade produtora.

Como desenvolver esta aula? A seqüência poderia ser: 1. Hipótese: haverá mudanças radicais nessa questão?; 2. Origem dos dois conceitos? ; 3. Um texto-base? Vários textos? ; 3. Quadro comparativo das 3 idades diante de uma e de outra metodologia?; 4. Exercício? Teste?

Outro exemplo seria o tema *Princípios arquivísticos. A abordagem seria*: 1. Hipótese? Enumeração e definição?; 2. Texto-base? Textos?; 3. Exemplificação?; 4. Exercícios? Teste?

Para abordar o tema *Classificação* poderia se partir, por exemplo, da discussão em classe de uma questão apresentada em concurso, como a que se segue, fazendo-se os alunos explicarem o porquê da diferença entre a resposta correta e as demais opções:

O objetivo do plano de classificação é basicamente:

(X) dar visibilidade às funções e atividades do organismo produtor do arquivo, deixando claras as relações entre os documentos.

() facilitar o expurgo dos documentos, pois fixa prazos para que se construa corretamente a sua temporalidade

() instruir o arquivista a estabelecer as normas de obediência ao princípio da unicidade e ao da indivisibilidade

() impedir que as tabelas de temporalidade contenham erros de interpretação e de descrição

() possibilitar que o expurgo se realize corretamente

Quando se tratasse de discutir ética, poderia ser tomar um item do Código de Ética do Arquivista do Conselho Internacional de Arquivos em sua tradução para o português, fazendo-se os alunos “dissecarem” cada uma das frases que compõem esse item, o de número 3 (como poderia ser outro):

Os arquivistas preservam a autenticidade dos documentos durante as operações de tratamento, de conservação e de exploração. Os arquivistas atuam de maneira a que o valor arquivístico dos documentos, incluindo os documentos eletrônicos ou informáticos, não seja afetado pelos trabalhos arquivísticos de avaliação, de classificação e de inventário, de conservação e de análise. Se tiverem de proceder a amostragens, fundamentam a sua decisão sobre métodos e critérios rigorosamente estabelecidos. A substituição dos originais por outros suportes é decidida tendo em consideração os seus valores legais, intrínsecos e de informação. No caso de documentos excluídos da consulta terem sido retirados temporariamente de um processo, dão conhecimento desta situação ao usuário.

Outra possibilidade de tema: as políticas arquivísticas, partindo-se da conceituação e ações, tanto na vertente administrativa como na patrimonial.

Seriam abordadas as estratégias que os governos devem desenvolver para otimizar o funcionamento dos arquivos, em sua dupla vertente: a administrativa e a patrimonial, tendo como recursos: os arquivos, os documentos/as informações, os arquivistas, a legislação.

Na vertente administrativa as políticas devem propor-se a: salvaguardar direitos; estabelecer burocracia a serviço do cidadão; conferir transparência aos atos do governo; apoiar o desenvolvimento nacional/regional; racionalizar a produção e a utilização de documentos; oferecer informação em tempo hábil.

Na vertente patrimonial as políticas devem propor-se a: reunir e conservar documentação pública de valor histórico; apoiar a conservação de documentação privada de valor histórico; por à disposição dos pesquisadores a documentação de valor histórico.

Todos esses sub-tópicos possibilitam inúmeras atividades didáticas: debates, comparação com as leis brasileiras a respeito, como também com as normas do Arquivo Nacional relativas a tudo isso.

Muitos outros exemplos poderiam ser aqui lembrados. São infindáveis as formas de tornar pedagogicamente mais interessantes as aulas referentes aos conteúdos sobre arquivos, sua organização e uso que os alunos devem necessariamente tomar conhecimento.

Os professores de arquivologia que quisessem testar de certa maneira suas aptidões pedagógicas deveriam tentar responder ao questionário abaixo e depois, discutir suas respostas com algum professor de didática geral.

QUESTIONÁRIO

1. *O que você considera ser um texto didático básico? (comporta mais de uma resposta, se for o caso).*

- () um extrato de artigo, de capítulo ou de *paper* de congresso de autores consagrados
- () um capítulo ou um artigo inteiros pertinentes ao tema a ser discutido
- () um manual inteiro
- () uma apostila elaborada por você
- () outro:

2. *Qual é a disciplina que você leciona? (se for mais de uma, responda um questionário para cada disciplina)*

.....

3. *Que percentagem você daria para o aspecto teórico na sua disciplina?*

- () 40%
- () 50%
- () 60%

- () 10%
- () outro:.....

4. O que você considera “aspecto teórico”? (comporta mais de uma resposta, se for o caso)

- () aulas expositivas
- () abordagem da teoria arquivística
- () explicação da metodologia arquivística
- () exposição de teoria e metodologia conjuntamente
- () outro:

5. O que você considera “aspecto prático”? (comporta mais de uma resposta, se for o caso)

- () atividades de laboratório arquivístico
- () ensino de métodos e técnicas arquivísticas
- () exercícios práticos em classe
- () estágios em arquivos
- () outro:

6. De que forma você faz uso de textos (segundo o que definiu como texto na questão 1) ?

- () leitura pelos alunos e posterior discussão
- () apresentação em seminário pelos alunos
- () leitura sem “cobrança”
- () resumo escrito ou prova escrita a respeito do conteúdo do texto

7. Como procede quando se trata de textos em língua estrangeira?

- () você os traduz
- () os alunos os traduzem
- () os alunos trabalham diretamente sobre o original

Como proposta desta apresentação eu também gostaria de sugerir, dentro deste XI Congresso de Arquivologia do Mercosul, que os mestrados e doutorados da área incluíssem em suas disciplinas as de didática geral e de didática especial, de forma optativa, pois seriam dedicadas mais especialmente a aqueles que quisessem dedicar-se ao magistério de arquivologia. O ganho com conhecimentos pedagógicos e dentro desses, mais diretamente com as técnicas de ensino, redundariam certamente em benefício dos alunos de graduação da área, que acabariam por receber uma formação mais rica e consistente como arquivistas preparados devidamente a exercer todas as possibilidades profissionais proporcionada por sua formação universitária, incluindo a de professor.

REFERÊNCIAS

- PIMENTA, Selma Garrido. *Saberes pedagógicos e atividade docente*. Ed. Cortez, 1999.
- RODRIGUES JÚNIOR, José Florêncio. *Diretrizes para elaboração de um plano de ensino*. Brasília, Departamento de Métodos da Faculdade de Educação da UnB, 1991.
- SILVA, Vanius Paiva Zaiden. Formação didático-pedagógica do professor universitário: uma necessidade? Acessível em: fundacaoaprender.org.br/formao-didtico-pedaggica-do-professor-universitrio-uma-necessidade
- SILVA, Viviane Pereira da. *Didáticas do ensino superior*. Acessível em: <http://www.webartigos.com>

RESUMO: *Apresentam-se argumentos sobre a necessidade do preparo didático para os professores universitários de arquivologia, pois a disciplina didática não figura na grade curricular de nenhum dos dezesseis cursos da área existentes no Brasil. Pergunta-se a razão pela qual muitos dos professores brasileiros que lecionam em estabelecimentos de ensino superior em diferentes áreas, mesmo, muitas vezes possuindo títulos de Mestre e Doutor, não passaram por nenhum processo sistemático de formação pedagógica. O conhecimento da didática, sendo esta o estudo da técnica de ensinar, é indispensável ao bom desempenho do professor. Abordam-se possibilidades de ensinar a teoria e a prática alusivas, por exemplo, às funções arquivísticas, aos princípios teóricos que presidem o conhecimento e organização de arquivos e como expor a sua metodologia e como orientar as aplicações práticas. São apresentados exemplos de como discutir com os alunos alguns dos temas mais recorrentes no ensino da arquivologia.*